

Ciclo Internacional de Conferências – “Património: Cronomemória”.
International Cycle of Conferences – “Heritage: Chronomemory”. Integrado no
âmbito da Disciplina de Metodologias de Intervenção no Património Arquitetónico
– 2023 / 24 (15 de maio de 2024)

Descobrindo o *Taj Mahal* – memória do passado

Marízia Clara de Menezes Dias Pereira

Professora Auxiliar, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Portugal.
mariziacmdp3@gmail.com, marizia@uevora.pt

Resumo expandido

Conhecido como a “Joia da Índia”, o *Taj Mahal* é uma das sete maravilhas do mundo, situado na cidade de *Agra*, no estado de *Uttar Pradesh*. Está classificado como Património Mundial, com a referência 252, inscrito em 1983 com o critério (i).

O complexo do *Taj Mahal*, é um importante monumento nacional indiano, construído nas margens do rio *Yamuna*. A sua origem está associada ao imperador mogol *Shan Jahan*, que ordenou a construção de um grande mausoléu em homenagem à sua terceira esposa, *Mumtaz Mahal*, a “Jóia do Palácio”. Foi conselheira e seu grande amor, que morreu ao dar à luz ao seu 14º filho. Segundo a lenda, o imperador quis honrar a sua memória com um último presente, mandando construir o *Taj Mahal* sobre o seu túmulo. O complexo, integra a estrutura principal, o mausoléu, um grande edifício em mármore branco, imóveis secundários, mesquita, jardins e lago, que materializam e ampliam as tradições indo-islâmica e mogol de épocas anteriores. A inspiração para a sua conceção veio de edifícios bem-sucedidos, entre eles, o *Gur-e Amir*, o mausoléu de *Timur*, progenitor da dinastia mogol, em Samarcanda; o túmulo de *Humayun*, que inspirou os jardins *Charbagh* e o *Jama Masjid* de *Shah Jahan* em Nova Delhi; e o mausoléu de *Itmad-Ud-Daulah* (*Baby Taj*) na cidade de *Agra*.

Foram efetuadas três visitas ao complexo do *Taj Mahal*, com especialistas em história indiana e em Patrimónios Mundiais, que ajudaram entender a história e a arquitetura indo-islâmica e mogol de épocas anteriores.

A construção decorreu de 1632 a 1653, por ordem de *Shah Jahan*, com a participação de vários especialistas, destacando: *Ustad Ahmad Lahori*, o arquiteto-chefe, conhecido pelo domínio de vários estilos arquitetónicos e responsável pelo *design* dos elementos primários do complexo, incluindo o portão principal, o jardim, a mesquita e o mausoléu, como uma entidade unificada; *Ismail Khan* do Império Otomano, que projetou a cúpula principal e primeiro arquiteto e construtor de cúpulas daquela época; *Qazim Khan* de *Lahore*, da cidade do nordeste do *Punjab*, responsável pelos fios de ouro que coroam a cúpula principal do mausoléu; *Chiranjilal*, de Nova Delhi, escultor-chefe e designer de mosaicos; *Amanat Khan* de *Shiraz* (Pérsia), responsável pela caligrafia; *Muhammad Hanif* do Paquistão, capataz da alvenaria e *Mukkarimat Mir Abdul Karim Khan* de *Shiraz* (Pérsia), responsável pelas finanças, gestão e supervisão da produção diária. A equipe principal, também incluía escultores de *Bukhara* (Uzbequistão), calígrafos da Síria e Pérsia, mestres de incrustações do sul da Índia, pedreiros de Baluchistão (região partilhada pelo Paquistão, Irão e Afeganistão), vários especialistas em construção de torres e gravadores de flores em mármores, entre outros, num total de 37 artesãos especialistas. Também contavam com mais de 20.000 trabalhadores contratados no norte da Índia.

Os trabalhos de construção foram iniciados em 1632, de acordo com os planos de um conselho de arquitetos da Índia, da Pérsia e da Ásia Central, tendo em conta os desejos do imperador. As obras do mausoléu foram concluídas em 1643 e as dependências anexas em 1649. Devido à localização do complexo nas margens do rio *Yamuna* e, para evitar as infiltrações de água, foi necessário escavar e preencher com pedras, uma área de 12.000 m², elevando-o cerca 15 metros. Foram abertos vários poços e, posteriormente preenchidos com pedras, deixando um aberto para controlar o nível do lençol freático. A água para o abastecimento do complexo, era fornecido através de uma infraestrutura complexa, transportada do rio por bois, até grandes

tanques que, por sua vez passavam para três tanques auxiliares e conduzida por tubos de cobre, a uma profundidade de 1,50 metros.

O mausoléu equivalente a um prédio de 20 andares, tem 580 m de comprimento, 300 de largura e uma cúpula de 73 m. Foi construído numa plataforma elevada (6 m) em mármore branco, trabalhado em *pietra dura* e incrustação de pedras preciosas e semipreciosas (lápis-lazúlis, ametistas, turquesas, ágatas e safiras, entre outras), que foram trazidas de várias partes da Índia, do Tibete, do Egito e da Arábia Saudita. Foram polidas, cortadas em formatos específicos e encaixadas para formar motivos florais ou caracteres de textos sagrados. Um capítulo do Alcorão foi engastado com pedra negra, em cada um dos pórticos do mausoléu. É um edifício simétrico com minaretes, um em cada canto em mármore branco, ultrapassando os 40 m de altura, decorados com padrões repetitivos, definindo a simetria do edifício. Foi construído numa base quadrada de 55 m x 55 m, com cantos octogonais. No meio de cada lado, existe um pórtico (*iwan*), ladeado por pequenas arcadas dispostas em dois andares. No seu interior, sob a grande cúpula, está a sala octogonal, decorada com ouro e pedras preciosas e, no centro, os cenotáfios de mármore branco de *Shah Jahan* e *Mumtaz Mahal*. Simbolizam a união eterna do casal, rodeados por grandes nichos e portas que dão para outras salas, decorados com relevos em mármore branco. O cenotálio de *Mumtaz*, de base retangular com cerca de 1,50 m x 2,50 m, está decorada com incrustações de pedras preciosas e inscrições caligráficas que identificam e oram pela imperatriz. O de *Shah Jahan*, de maiores dimensões e com os mesmos elementos decorativos, está ao lado da esposa, a oeste, constituindo a única disposição assimétrica de todo o complexo. A cúpula do mausóleo, em forma de cebola (*amrud*) de 35 m de altura, é bastante comum na arquitetura islâmica. A decoração com flores de lótus esculpidas e fios de ouro, combinam as tradições do islamismo e do hinduísmo. O topo da cúpula termina num pináculo com a luna crescente típica do Islão e está assente num tambor de sete metros de altura e em torno dela, quatro *chhatris*, pavilhões semiabertos, elevados e em forma de cúpula, que acentuam o efeito de simetria e permitem a entrada de luz.

Dois edifícios em arenito vermelho, simétricos e idênticos, com três cúpulas no topo, flanqueiam o mausoléu, a oeste, a mesquita e a este, o *jawab* que poderá ter servido de albergue para os visitantes ou para a reunião dos fiéis antes da oração. Os edifícios e os jardins, estão dispostos num retângulo de 580 x 305 m, alinhados de norte a sul, seguindo um padrão geométrico, regido pela simetria. No meio do retângulo, existe um jardim quadrado de 300 x 300 m, dividido em 4 setores e subdividido em 16 secções. O eixo principal, está orientado de sul para norte, a partir do portão principal do complexo.

O jardim na cultura islâmica tem um significado espiritual, porque acreditam que existem quatro rios, correspondendo aos quatro pontos cardeais. Este estilo de jardim, o *charbagh* que, segundo as descrições dos textos islâmicos, pretende recriar o paraíso, com árvores, arbustos, flores coloridas e caminhos calcetados com azulejos e mármore. O jardim principal (6,9 hectares) do complexo, foi concebido como uma representação do paraíso na terra, no estilo dos jardins persas introduzido na Índia por *Babur*, o primeiro imperador mogol. Originalmente continha muitas flores e árvores exóticas, num arranjo geométrico e simétrico. Os jardineiros esforçaram por representar os terrenos celestiais, com a aplicação de uma série de fórmulas (?) conhecidas na época. Os canais, símbolos dos quatro rios do paraíso que deviam brotar água, leite, vinho e mel, estavam ladeados por ciprestes que, além das sombras, acentuavam as linhas de perspetiva. Cruzam-se no centro do jardim, para formar um espelho de água, do mausoléu ao portão principal. As descrições mais antigas do jardim, fazem referência à exuberância da vegetação, com abundância de rosas, narcisos e árvores frutíferas. Com o declínio do império mogol, a manutenção começou a falhar e, quando os britânicos assumiram o controle do complexo, introduziram alterações paisagísticas ao estilo dos jardins londrinos.

O complexo está cercado por um muro nos três lados, exceto no que faz fronteira com o rio *Yamuna*. Numa grande área, convergem as entradas de leste, sul e oeste, uma antessala cercada por arcadas, provavelmente utilizadas para abrigar os visitantes. O espaço tem um imponente portão principal (*Darwaza*), com aproximadamente 30 m de altura e 50 m de largura, de arenito vermelho, decorado com motivos brancos em baixo-relevo, incrustações e intrincados desenhos geométricos nas paredes e no teto.

Destacam-se alguns aspectos particulares verificados *in situ*: 1. Os quatro minaretes de 41 m de altura que cercam o mausoléu, foram construídos ligeiramente inclinados para fora da plataforma, para não caírem sobre as sepulturas. 2. Nos pórticos do mausoléu, os versículos do Alcorão, ficam maiores e mais espaçados à medida que se afasta da base, para que a capacidade de leitura seja sempre a mesma. 3. A sala principal do mausoléu, ricamente decorada, abriga um memorial (túmulos vazios) em homenagem ao imperador e à sua esposa. A luz do sol, que simboliza a presença de Alá, atravessa os *jalis* de mármore branco perfurado. Os corpos repousam numa cripta simples no andar inferior, alinhados na direção norte-sul, o marido à direita da esposa e ambos, com as cabeças inclinadas para a direita, na direção de Meca.

A alteração das cores do mausoléu foi também confirmada *in situ*: rosa ao amanhecer, a "hora dourada", quando os raios de sol refletem nas cúpulas e nos minaretes, tingindo de tons suaves; branco do meio-dia (12h00), quando o mármore atinge um brilho esbranquiçado. A luz do sol ilumina cada pormenor arquitetónico, revelando a perfeição das pedras preciosas incrustadas e dos desenhos geométricos que decoram o mausoléu; e dourado ao por do sol, quando o mármore reflete os últimos raios solares do dia, adquirindo um brilho dourado que parece fundir com o céu alaranjado. A razão pela qual o *Taj Mahal* muda de cor durante o dia, é devido à incidência dos raios solares e às propriedades físicas do material de construção. O mármore branco, composto principalmente por carbonato de cálcio, reage à luz solar alterando a cor, especialmente durante o nascer e o pôr do sol.

Foram identificados *in situ* impactos que afetam o complexo. Positivos: 1. Benefícios económicos – criação de emprego com a contratação de pessoal para os serviços de manutenção / vigilância e receitas do pagamento de entradas para o complexo; 2. Conservação arquitetónica do complexo e dos valores éticos e culturais. Negativos: 1. Turismo de massas, doméstico e internacional, que atrai anualmente cerca de 7 a 8 milhões de visitantes, mais de 20 mil pessoas por dia, contribuindo para a pressão sobre as infraestruturas do complexo; 2. O esgoto não tratado de Agra que desagua no rio *Yamuna*, reduz a taxa de sobrevivência dos peixes. Como consequência, os insetos que seriam a alimentação dos peixes, proliferam sobre a água poluída e infestam o complexo; 3. Poluição do ar, causada pelo fumo e cinzas das cremações praticadas nas margens do rio; 4. Coloração esverdeada em algumas zonas do mausoléu, devido aos dejetos dos mosquitos (*Chironomus calligraphus* Goeldi, 1905). 5. Manchas escuras no mármore devido às chuvas ácidas; 6. Provável construção de um centro comercial nos arredores do complexo para compensar o desalojo de lojistas que estavam em frente do portão principal do complexo e 7. Receio de ataques bombistas e atitudes extremistas, frequentemente atribuídas a vários grupos extremistas vinculados ao Estado Islâmico.

A gestão do complexo é realizada pelo Serviço Arqueológico da Índia, em que a proteção oficial do monumento e o controle da área regulamentada no interior e em redor do complexo, são efetuados através de vários quadros legislativos e regulamentares. São adequados à administração da propriedade e nas áreas de amortecimento (tampão) com cerca de 10.400 km², para proteger da poluição. O Supremo Tribunal da Índia, em dezembro de 1996, emitiu uma decisão proibindo a utilização de carvão/coque em indústrias localizadas na Zona do *Taj Trapezium* (TTZ), mudando para o gás natural ou deslocando-as para o exterior da zona protegida. O TTZ integra 40 monumentos protegidos, incluindo três Patrimónios Mundiais: além do *Taj Mahal* [referência 252, inscrito em 1983 com o critério (i)], encontra-se o Forte de *Agra* [referência 251, inscrito em 1983 com o critério (iii)] e *Fatehpur Sikri* [referência 255, inscrito em 1986, com os critérios (ii) (iii) (iv)].

O complexo do *Taj Mahal* é um importante marco histórico-cultural da Índia, um dos símbolos de amor a nível mundial. Adquiriu forte importância económica, por ser um dos principais pontos turísticos mundiais, proporcionando criação de emprego e renda, associada às atividades turísticas locais.

Palavras-chave: Património Mundial, *Taj Mahal*, complexo, mausoléu, Índia.

Referências consultadas

Rice, Edward. 1978. Eastern Definitions - A Short Encyclopedia of Religions of the Orient. Nova Iorque: Doubleday.

- Pletcher, K. 2010. The History of India. Rosen Education Service. ISBN-10: 1615301224, ISBN-13: 978-1615301225
- Net, S. N. 1988. Ancient Indian, History e Civilization. 2^a edition. New Age International (P) Limited, Publishers, Índia. ISBN 81-224-1198-3
- Nicoll, F. 2009. Shah Jahan: The Rise and Fall of the Mughal Emperor (1st Edition). ISBN-10 014306701X, ISBN-13 978-0143067016
- Cinco ameaças ao Taj Mahal - e por que ele está ficando verde. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/05/cinco-ameacas-ao-taj-mahal-e-por-que-ele-esta-ficando-verde.html>. Acesso em 5 de maio 2024.